

## **40º Encontro Anual da Anpocs**

### **SPG32 Teorias e práticas patrimoniais: o papel do cientista social**

#### **Cidade, Memória e Patrimônio:**

#### **Um estudo de caso sobre a Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias/RJ**

**OLIVEIRA, Renata de Almeida**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Bolsista CAPES  
*cultura.renata@gmail.com*

**ABREU, Regina**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
*abreuregin@gmail.com*

# **Cidade, Memória e Patrimônio: Um estudo de caso sobre a Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias/RJ**

**OLIVEIRA, Renata de Almeida**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Bolsista CAPES  
*cultura.renata@gmail.com*

**ABREU, Regina**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
*abreuregin@gmail.com*

## **RESUMO**

Pretendo refletir acerca das relações estabelecidas para a realização anual da Festa de Santo Antônio, na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro e colher elementos comparativos por meio de breve pesquisa de campo a ser realizada em junho de 2016 em Lisboa. Em Duque de Caxias, as festividades de Santo Antônio acontecem há mais de 50 anos e estão associadas às questões simbólicas e as múltiplas relações existentes na cidade de Duque de Caxias serão foco de análise neste trabalho. No caso dessa cidade, é possível observar a consolidação de diversos símbolos e comemorações com os quais seus cidadãos convivem diariamente. Deste modo, pretendo responder a algumas questões no que se refere às comemorações na cidade: Como se dá sua organização? Quais são os rituais envolvidos? Os conflitos? Como essas comemorações foram criadas? Quais são os palanques? O que é comemorado? Por quem é comemorado? As comemorações têm ressonâncias na cidade? Quais? Como influenciam? A população relaciona estas comemorações com algum sentimento de pertencimento local? Por quais motivos uma cidade contemporânea, com sinais visíveis de valorização de signos do progresso e do chamado desenvolvimento, realiza ainda hoje uma festa tradicional devotada a um santo católico? Quais as funções sociais desta festa para uma cidade como Caxias? Que tipos de sociabilidade e de relações sociais e políticas, esta festa enseja? Quais os alcances simbólicos desta festa?

**Palavras-chave:** Memória, Patrimônio, Comemoração

## INTRODUÇÃO

As discussões sobre cidades apresentam uma multiplicidade de questões, entre elas memória, patrimônio, cultura popular e comemorações e, com este trabalho, pretendo refletir justamente sobre essas relações, através de um estudo de caso realizado na Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias, localizada na Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. O Santo Padroeiro da cidade é lembrado anualmente em uma festividade que acontece desde sua emancipação no ano de 1943 quando era realizada em proporções bem menores em relação a que acontece atualmente. Apesar de dados estatísticos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontarem para um declínio no número de católicos no Brasil, a festa em Duque de Caxias apresenta um crescimento anual, tanto em público quanto em investimento e apoio por parte do governo municipal.

As festas de santos no país podem ser consideradas expressões da vitalidade do catolicismo, sendo um importante elemento nas demarcações das fronteiras religiosas, afinal, de um lado estão os católicos e o culto aos santos e, de outro, estão os evangélicos, em ascensão no país, recriminando o que consideram uma idolatria. Esse catolicismo marcado por grandes manifestações externas de fé foi uma herança recebida no século XIX que ficou conhecida como “catolicismo colonial” quando essas festas religiosas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou de devoção eram o ponto máximo dessas associações. No entanto, desde aquela época, havia uma grande preocupação tanto por parte de autoridades civis, quanto de autoridades religiosas com relação à continuidade da ordem, sobretudo pela confusão que poderia acontecer entre práticas sagradas e profanas nas comemorações externas, bem como, nas comemorações realizadas dentro das próprias igrejas. (ABREU, 1994, 183-184).

Vistas de fora, tais preocupações acerca das relações estabelecidas entre o sagrado e o profano nas comemorações aos santos parecem ainda atuais. A escolha do objeto se deu justamente em virtude da percepção da importância da festa para a cidade e, que apesar dessa diminuição do quantitativo de católicos no país, as festas religiosas se mantêm firmes. São múltiplas as relações estabelecidas para a realização do evento, considerado um dos mais importantes no calendário municipal: os membros da igreja, definidos como os principais realizadores da festa; o poder público municipal, com apoio logístico; grandes empresas financiadoras e pequenos comerciantes locais, que se cadastram para

integrarem a festa, vendendo seus produtos em barracas padronizadas. Estas relações geram algumas tensões que envolvem a autenticidade da festa realizada pela igreja devido a interferências que as relações políticas e comerciais acabam impondo à realização. Por exemplo, se uma grande fábrica de bebidas patrocina o evento, não poderá haver nenhuma alusão a qualquer outra marca. Mais ainda, a venda de bebidas alcoólicas acaba não tendo um controle tão eficaz, sobretudo no que se refere aos menores de idade que frequentam massivamente a festividade de Santo Antônio.

Para a realização deste trabalho, além da pesquisa bibliográfica sobre o tema, também realizei pesquisa de campo ao longo da comemoração nos anos de 2014 e 2015, tanto no âmbito religioso – Trezena de Santo Antônio, missas, distribuição de pães, Procissão – quanto no âmbito social e cultural, na festa chamada típica ou popular que acontecia tanto dentro da Igreja em forma de Quermesse nos moldes tradicionais, quanto na parte externa, com a Avenida Presidente Kennedy<sup>1</sup> fechada para circulação de automóveis, realização de shows e barracas com comidas consideradas típicas para esse período festivo. No que se refere à cidade de Lisboa, a pesquisa será realizada em junho de 2016, acompanhando atividades como missas e o casamento comunitário e realizando entrevistas com os diversos agentes que se relacionam com a execução da festa.

## CONHECENDO A CIDADE

“Aprender uma cidade é,  
na verdade, uma coisa lenta.  
É preciso, entretanto,  
saber algumas coisas,  
e precisamos andar distraídos, bem distraídos,  
para reparar nessa alguma coisa.”  
(Rubem Alves)

A cidade de Duque de Caxias está situada no estado do Rio de Janeiro se localiza na área litorânea da região Sudeste do Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>2</sup>, o estado possui uma área de 43.696,054 km<sup>2</sup> e está dividido em 92 municípios com população estimada em 2014 de 16.461.173 habitantes.

---

<sup>1</sup> Uma das principais vias da cidade.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre características econômicas, políticas e sociais acessar o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no link: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj> – Acesso em: 19/10/2010.



Mapa Divisão por regiões<sup>3</sup>

O Município de Duque de Caxias está localizado em uma região conhecida como Baixada Fluminense, Região Metropolitana e possui grande importância para o Estado do Rio de Janeiro. Com população estimada em 2013 de 873.921 habitantes e por possuir 467,619 km<sup>2</sup>, segundo dados do IBGE, abriga o segundo maior colégio eleitoral e o segundo maior Produto Interno Bruto do Estado. No entanto, os investimentos em setores básicos para a população ainda está aquém do Estado e de uma grande Metrópole. A população convive com um histórico problema de falta d'água e de saneamento básico, saúde e escolas precárias. Ainda assim, os dados comprovam a importância econômica da cidade mesmo que aparentemente não tenha retorno para a população.

---

<sup>3</sup> SIMÕES, Ricardo Simões. Atlas Geográfico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Entorno, 2010. (CD-Rom)



Mapa da Baixada Fluminense – estado do Rio de Janeiro

Os elevados dados de violência da cidade na década de 1950 levaram o apresentador do Programa “Patrulha da Cidade” da Rádio Tupi, Samuel Correia como “a terra que a galinha cisca para frente”. Esse seria somente um dos problemas enfrentados pela cidade.

Pesquisando em jornais municipais, percebi que alguns dos problemas da cidade são crônicos: existem desde sua fundação em 31 de dezembro de 1943, durante o Estado Novo, por meio do decreto nº1055, quando a Estação de Merity foi emancipada e transformada na cidade de Duque de Caxias. Tais problemas se referem à falta de água no município e problemas com a coleta de lixo. A cidade sofreu por anos com o “Lixão do Jardim Gramacho”, fechado em junho de 2012. Até que isso acontecesse, não foi implementada nenhuma política pública de coleta e reciclagem, dificultada, sobretudo, por ser uma área que recebia o lixo de diversos municípios do Estado. Durante as pesquisas em jornais, identifiquei uma notícia que chamou bastante a atenção: uma empresa norte-americana estaria disposta a financiar uma Usina que transformaria o lixo despejado no Jardim Gramacho em combustível e energia, o que colocaria a cidade de Duque de Caxias bastante à frente de outras Metrôpoles. Não encontrei nenhuma notícia que justificasse o não acontecimento dessa empreitada, no entanto, sabe-se que a falta de vontade política é muitas vezes um empecilho para o crescimento da cidade.

Deste modo, considero que a cidade não é apenas um amontoado de ruas, casas, transporte e uma tentativa de funcionamento orgânico, e sim, o conjunto de ações que possam ser desenvolvidas naquela localidade, como afirma o autor Robert Ezra Park, logo no início de seu artigo intitulado “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”:

“... a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos — tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição.” (PARK, 1916, 01).

Apesar de tantos problemas enfrentados por essa Metrópole, a relevância que Duque de Caxias adquiriu no contexto das cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro é notória. Esse trabalho de valorização dessas ações é realizado, no âmbito social, por agentes culturais e historiadores da cidade e, no âmbito público, através do Instituto Histórico e Geográfico e do trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e, também pela Secretaria de Comunicação e Ações Institucionais.

## **ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE A FESTA E A CIDADE**

A comemoração ao Padroeiro da Cidade tem seu início no dia 31 de maio, quando as atividades religiosas começam através das orações no ritual chamado “Trezena de Santo Antônio”. São treze dias de orações onde os fiéis frequentam a paróquia em missas as quais foram realizadas em sua maioria às 19h<sup>4</sup>.

Essa festividade é uma das mais aguardadas pela população da cidade de Duque de Caxias e alguns bairros de cidades vizinhas. A principal via da cidade chamada Av. Leonel de Moura Brizolla<sup>5</sup> abriga a parte da festa que foi realizada externamente à Paróquia, juntamente com a Praça do Pacificador, onde estão localizados o Teatro Municipal Raul Cortez e a Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizolla.

A festividade em homenagem ao Santo Padroeiro em Duque de Caxias passou por diversos momentos ao longo da história do município desde sua emancipação. De acordo com o Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio, a festa não tinha essas proporções. O que existiam eram as quermesses, como acontece na maioria das

---

<sup>4</sup> Com exceção dos dias de domingo em que era realizada às 18:30h e dia 7 de junho (sábado), que foi realizadas às 18h.

<sup>5</sup> Anteriormente se chamava de Av. Presidente Kennedy, como é reconhecida até os dias de hoje apesar da mudança.

igrejas. No final da década de 1960, a festa passou a ser chamada de Feira da Comunidade e, após um período sendo realizada dentro da igreja, cresceu a ponto de ser necessária sua realização em principais vias da cidade, acontecendo por um período na Avenida Presidente Kennedy e por um período na Avenida Brigadeiro Lima e Silva, respectivamente no Centro e no Bairro 25 de agosto, no 1º distrito da cidade. Excepcionalmente, em 1997, a Feira aconteceu em um centro de Convenções no Parque Duque, bairro que também integra o 1º distrito. Apenas mais tarde, nos anos 2000, foi denominada Festa de Santo Antônio como é conhecida até os dias atuais.

As relações entre a festa e a cidade introduzem um tempo especial fortemente ligado à experiência de vida das pessoas através de uma memória que é evocada a cada ano. Casais que cresceram juntos na igreja, que se conheceram na festa, promessas cumpridas pela cura de enfermidades, entre tantas outras histórias que pude conhecer ao longo da pesquisa de campo. E a cada ano, essas histórias são relembradas, no sentido pleno do termo comemoração, ou seja, memorar junto. Não apenas o santo é lembrado, mas também, momentos da vida de diversos devotos que fazem da festa seu relicário.

Pois assim são as festas populares: atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Envolvem ricos e pobres; brancos, mulatos, caboclos, pretos; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças. (CAVALCANTI, 1998, 194)

A festa, bem como as ruas onde aconteceram as festividades e a própria Paróquia de Santo Antônio, ocupam o espaço de lugares de memórias, que podem ser individuais ou coletivas, ligados ao cotidiano, ou mesmo à construção da própria memória e história da festa. Pierre Nora (1993) afirma que esses lugares seriam espaços onde a memória está presente, podendo ser lugares materiais, como museus, arquivos, bibliotecas ou mesmo patrimônio material (pedra e cal), bem como lugares imateriais, como é o caso de comemorações e rituais.

A ideia de comemoração envolve uma leitura do passado e essas releituras são geralmente motivadas por questões do presente. As comemorações, sobretudo no que tange à cultural popular, como é o caso da Festa de Santo Antônio, em geral, constrói sinais de identificação de certos grupos. Nesse caso, em sua maioria católicos, que se autodenominam praticantes ou não, que presenciaram a festa pelos mais variados motivos. Pessoas de outras religiões, em sua maioria evangélica, também foram identificados na



festa, acompanhando familiares e amigos, ou para participar de uma festa típica do período das chamadas festas juninas.

As festas religiosas podem ser consideradas parte integrante da cultura popular. O conceito de "cultura popular" vem sendo utilizada para definir os mais variados contextos e com objetivos distintos geralmente envolvidos

com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas. Para muitos, está (ou sempre esteve) em crise, tanto em termos de seus limites para expressar uma dada realidade cultural, como em termos práticos, pelo chamado avanço da globalização, responsabilizada, em geral, pela internacionalização e homogeneização das culturas. (ABREU, 2003)

O historiador Roger Chartier (1995) assinala que a cultura popular teria como destino historiográfico ser sempre abafada e recalcada, mas mesmo assim, ressurgiria com novas práticas. Considera que o problema não está em datar seu desaparecimento, e sim, na temporalidade a que se refere, ou seja, deve considerar as relações estabelecidas de acordo com cada época. Outro destaque dado por Roger Chartier no que se refere à cultura popular é o fato o qual não há como saber o que é de fato do povo pela dificuldade de identificar a origem social das manifestações culturais.

É importante assumir que a cultura popular não é um conceito com uma fórmula imutável. Chartier assumiu o risco de simplificar o conceito apresentando dois grandes modelos de descrição e interpretação

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrando em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.” (CHARTIER, 1995, 179-180)

A Festa de Santo Antônio, com mais de 50 anos de história, passou por diversos momentos. Padres Franciscanos que percorriam a região no período da emancipação, consideraram que um santo franciscano seria um presente para a cidade e assim definiram Santo Antônio como seu Padroeiro iniciando então, a tradição de comemorar o Santo anualmente em sua data.

## ETNOGRAFIA DA FÉ

Cocada, cuzcuz, pé de moleque! Forró e muita fé! Orações em uma cidade a comemorar e a festejar seu Santo Padroeiro, um dos mais importantes eventos do calendário de comemorações local. Diversos são os caminhos a se seguir para que se possa executar plenamente a experiência científica de uma pesquisa. Ao tratar um assunto que mescla ao mesmo tempo características tradicionais aliadas ao contemporâneo, a opção pela pesquisa de campo em uma abordagem de observação participante foi fundamental para que eu pudesse vivenciar plenamente os detalhes da comemoração do Santo Padroeiro na cidade. Para a realização desta etapa da pesquisa, me inspirei primeiramente na etnografia dos percursos, levando-se em consideração as etapas e localizações que abrangem a festa, tamanho seu crescimento e a etnografia audiovisual que concederam um caráter único à minha prática como pesquisadora. A etnografia em uma comemoração tradicional no espaço urbano, em uma cidade contemporânea pode ser utilizada se levarmos em consideração que é “onde vivenciamos a experiência do viajante que percorre uma região, buscando exercitar um olhar que estranha, que inquire, que indaga, que procura novos ângulos, novas perspectivas, novas faces de paisagens já vistas e consagradas”. (ABREU, Trabalho Inédito). A etnografia é a pesquisa, no sentido de que é a partir do campo, dos agenciamentos que o campo proporciona que o trabalho vai tomar corpo.

A pesquisa etnográfica e a observação-participante foram fundamentais para o convívio com os diversos grupos que permeiam tanto o planejamento e organização da festa, quanto os que frequentam e estão participando contemplando sua fé, ou mesmo os que estavam lá para a festa, independente do caráter religioso.

Para o desenvolvimento deste trabalho<sup>6</sup>, vivenciei a experiência da festa, desde a participação em uma das reuniões de organização, conversa com as senhoras das Congregações e Irmandades, conversa e apoio do Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo e Antônio em Duque de Caxias e presença nas missas da Trezena de Santo Antônio que se iniciou no dia 31 de maio e terminou no dia 12 de junho, e na Festa propriamente dita, que se iniciou no dia 11 de junho e terminou no dia 15 do mesmo mês. A relação da cidade de Duque de Caxias com a Festa de Santo Antônio produz diversos

---

<sup>6</sup> Pesquisa de campo realizada entre 2014 e 2015, nas festividades realizadas nesses anos e com continuidade até o momento, na participação de atividades da Paróquia de Santo Antônio.

espaços de comemoração e um meio heterogêneo, onde se misturam estranhos, para além do círculo familiar, vizinhança, ou mesmo dos membros que compõem a Igreja, o Poder Público e os comerciantes que tomam conta do espaço de uma das principais vias da cidade por 5 dias de festa. A comemoração ao Padroeiro da Cidade tem seu início no dia 31 de maio, quando as atividades religiosas começam através das orações no ritual chamado “Trezena de Santo Antônio”. São treze dias de orações onde os fiéis frequentam a paróquia em missas as quais foram realizadas em sua maioria às 19h.

A sutileza com que o evento é organizado pelas pessoas que integram as Irmandades e Congregações Religiosas é encantador. Cada detalhe é pensado de acordo com a programação tradicional da festa. As festividades se iniciam no dia 31 de maio com a “Trezena de Santo Antônio”, passando pelo dia 12 de junho, dia em que é comemorado o “Dia dos Namorados” no Brasil e dia 13 de junho, dia do Santo Antônio e se encerrou no final de semana seguinte, no dia 15 de junho. Acompanhei todos os dias de realização da trezena em homenagem ao Santo Padroeiro. Esta celebração não modifica a programação da igreja: os dias das missas de intenções não se alteram. A diferença da “Trezena de Santo Antônio” é poder acompanhar devotos ao santo que todos os dias vão fazer seus agradecimentos e pedidos. Além disso, a história de Santo Antônio e seus Milagres são exaltados em diversos momentos da Missa que termina com um momento de devoção e adoração.

É importante destacar que as festividades em homenagem ao Santo Padroeiro acontecem em duas partes: a primeira é a programação religiosa, em que ocorre uma série de missas, confissões individuais, ordenação de novos Padres, entre outras atividades. A segunda é a programação festiva. Uma festa tipicamente conhecida como “junina” contagia a cidade, e seu crescimento é perceptível a cada ano.

## **NARRATIVAS DE MEMÓRIA E FÉ**

São muitas as histórias que permeiam a fé em Santo Antônio. Como acontece com diversos outros Santos, seus devotos fazem pedidos em troca de promessas que serão cumpridas em agradecimento à conquista de seus objetos.

O Santo Antônio, ficou conhecido como o Santo Casamenteiro – apesar de não ter em seus sermões nada específico sobre casamentos, Santo Antônio ficou conhecido como

o santo que ajuda mulheres a encontrarem um marido por conta da ajuda que dava a moças humildes para conseguirem um dote e um enxoval para o casamento – e, com isso muitas simpatias – ritual supersticioso para atingir um determinado fim – existem em sua intenção para que moças consigam se casar.

Foram muitos narradores, moradores da região que contaram suas histórias pessoais que envolvem o Santo Antônio, seja por terem conhecido seu marido ou esposa na festa, igreja, seja por participar da organização da festa há muitos anos, ou por ter sido um comerciante que montava sua barraca para vender os produtos. A fé movimentou a cidade nesse período.

Os possíveis narradores foram identificados ao longo da festa, com o apoio de sua comissão organizadora e de assessoria da Prefeitura Municipal, que propiciou a entrevista com autoridades, como o próprio Prefeito Alexandre Cardoso, por exemplo. Neste caso, o intuito não é de simplesmente coletar informações, e sim, intercambiar experiências, afinal, *“a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”* (BENJAMIN, 1993: 198)

A Festa de Santo Antônio é planejada e organizada por diversos agentes sociais e, entre esses agentes, estão os membros das Irmandades e Congregações que se encontram no âmbito da Igreja. Em geral são senhoras que cuidam de cada detalhe para que a festa aconteça de maneira organizada, movimentando a cidade e exaltando a fé ao Padroeiro Santo Antônio.

Um dos principais agentes que marcam a atuação dos devotos na Igreja, é o Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio em Duque de Caxias. Sua figura é muito importante na cidade, visto que a Igreja, principalmente no período da festa, acaba sendo um campo de disputa político, social, cultural e, até mesmo religioso.

Em entrevista, o Padre Renato aborda alguns pontos importantes, como a história da própria em sua relação com a cidade.

Primeiro é bom lembrar que Santo Antônio é um santo bastante popular, então, foram os Franciscanos vindos de São João de Meriti, que vieram evangelizar aqui o centro da cidade, que não era o centro ainda, era talvez um vilarejo na década de 30, 1930, ali por volta de 35, 37. E como eles eram Franciscanos, deveriam talvez oferecer ao povo um santo Franciscano como aquele que deveria ser o padroeiro local. E, juntamente com o povo, foi escolhido o Santo

Antônio. A nossa paróquia, foi criada por um decreto, e é claro que quando se cria uma paróquia por um decreto é sinal de que já existe alguma coisa, e na verdade ela foi criada em 1942, ou seja, primeiro se fez o trabalho de missão, e depois foi criada a paróquia. Então Santo Antônio passou a ser referência da cidade. Daquela futura cidade, que ainda não era a cidade, depois que ela vai ser emancipada, se tornar Duque de Caxias. E ele se torna também um símbolo da região, por isso ele é o padroeiro da cidade. (Entrevista com Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio em Duque de Caxias, em 15 de junho de 2015).

O Padre Renato destaca ainda a importância desse Santo, que é tão popular e tem o poder de unir as pessoas, mesmo que de religiões diversas. Ele acredita na fé das pessoas, independente do quê e como.

Com o crescimento muito grande nos últimos anos (em 2014 e 2015 cerca de 250 mil pessoas estiveram na festa, de acordo com dados da Defesa Civil do Município), o apoio do Poder Público Municipal tem sido importante para a organização desse evento tão grande. Membros do Governo buscam recursos patrocínio através de empresas privadas e parcerias para realizar as atividades que acontecem na festa. A parceria entre a Igreja e a Prefeitura tem sido primordiais para a realização da festa.

Entre religiosos, curiosos, poder público, agentes culturais e tantas pessoas que frequentam a Festa de Santo Antônio, estão aqueles que participam com um fim muito específico: agradecer ou pagar promessas. Durante a pesquisa de campo, conheci algumas pessoas que tinham motivos bastante específicos para estarem na Festa. Eram casais que se conheceram na Igreja ou pessoas que precisavam agradecer bênçãos recebidas.

Conheci o casal Adelaide e Vicente na saída da missa dos namorados, onde os casais reafirmam seus votos. Eles completaram 21 anos de casamento e se conheceram na Igreja quando ainda eram crianças, pois seus pais eram da Pastoral Familiar. Frequentaram o Grupo Jovem na Igreja, mas pela diferença de idade de quase seis anos não se aproximavam.

Então a gente acabou se desencontrando em alguns momentos, mas na missa, a gente se olhava de longe, escondido. Um belo dia a gente se reencontrou, namoramos um ano e meio, namoramos e casamos nesse período de um ano e meio, e estamos fazendo 21 anos de casados. (Entrevista com Adelaide, em 12 de junho de 2014)

O casal é bastante atuante na Igreja: Vicente faz parte da equipe administrativa e Adelaide é Ministra da Eucaristia. Com isso, a relação deles com a festa é bastante intensa.

Vicente conta que sempre frequentou, quando ainda se chamava Feira da Comunidade e era um evento muito esperado.

A minha relação é desde o tempo em que era conhecida como feira da comunidade. Eu era adolescente, naquela época, anos 70, 80, era um acontecimento que todos nós esperávamos. Nós participávamos, por sermos do grupo jovem, participávamos de alguma maneira. Um tempo depois, meu pai era um dos organizadores, há 20 anos atrás, e eu na verdade, herdei a participação da comissão. E faço isso com alegria apesar do pouco tempo. Eu sou engenheiro civil, auto aqui nas obras da Igreja, uma partilha do meu trabalho, que me dá muito prazer, nenhuma fortuna valeria o que é trabalhar aqui. Vale muito mais para mim, trabalhar aqui. (Entrevista com Vicente, em 12 de junho de 2014)

Adelaide destaca que um dos fatores importantes da festa é o momento importante de encontro, sendo uma forma de “matar a saudade” de pessoas que estão morando longe. Já Vicente, destacou a grandiosidade que a festa conquistou nos últimos anos.

Na verdade já há algum tempo ela já é conhecida como o maior evento da Baixada. Vi isso em reportagens, e pra gente é um orgulho tremendo, inclusive no trabalho, fora daqui, costumo propagar esse evento, com alegria, e me sinto orgulhoso por poder ser um pedacinho desse povo que organiza. Na verdade se vocês forem perceber, o número de pessoas envolvidas nisso é tão grande, e cada um faz um pedacinho, e isso me dá um orgulho tão grande. E a cidade inteira ela se envolve, pra mim é só alegria. (Entrevista com Vicente, em 12 de junho de 2014)

São memórias que tem a festa como seu lugar, mas não um lugar cristalizado. Independente de acontecer a não, as lembranças dessas pessoas permanecem, passam adiante, são histórias a serem contadas.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

A Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias é uma das comemorações mais emblemáticas da cidade, não apenas por ser uma celebração em homenagem ao Santo Padroeiro da cidade, mas também, pela diversidade nela contida. Uma multiplicidade de crenças e culturas que se encontram mesmo que em seus motivos particulares.

Apesar de ser uma comemoração que compõe o calendário oficial de comemorações no município, ainda existem muitas questões referentes à memória e patrimônio local que necessitam de amplo debate para que possam ser registrados. No

Brasil, cinco festas foram consideradas patrimônio imaterial pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo registradas no livro de Celebrações. São elas a Festa de Sant'Ana de Caiacó no rio Grande do Norte; o Círio de Nossa Senhora de Nazaré no Pará, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis em Goiás, a Festa do Divino de Paraty, no Rio de Janeiro e a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim na Bahia.

Esses registros apontam que apesar da notória queda do catolicismo no Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a tradição de se comemorar os Santos se mantém forte.

Com as referências, pesquisa de campo, entrevistas e pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico de Duque de Caxias, alguns importantes resultados foram alcançados ao longo de dois anos e meio de pesquisa. A pesquisa de campo foi realizada na Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias em junho de 2014 e 2015.

As relações entre a festa e a cidade introduzem um tempo especial fortemente ligado à experiência de vida das pessoas através de uma memória que é evocada a cada ano. Casais que cresceram juntos na igreja, que se conheceram na festa, promessas cumpridas pela cura de enfermidades, entre tantas outras histórias que pude conhecer ao longo da pesquisa de campo. E a cada ano, essas histórias são lembradas, no sentido pleno do termo comemoração, ou seja, memorar junto. Não apenas o santo é lembrado, mas também, momentos da vida de diversos devotos que fazem da festa seu relicário.

A festa, bem como as ruas onde aconteceram as festividades e a própria Paróquia de Santo Antônio, ocupam o espaço de lugares de memórias, que podem ser individuais ou coletivas, ligados ao cotidiano, ou mesmo à construção da própria memória e história da festa. Pierre Nora (1993) afirma que esses lugares seriam espaços onde a memória está presente, podendo ser lugares materiais, como museus, arquivos, bibliotecas ou mesmo patrimônio material (pedra e cal), bem como lugares imateriais, como é o caso de comemorações e rituais.

A ideia de comemoração envolve uma leitura do passado e essas releituras são geralmente motivadas por questões do presente. As comemorações, sobretudo no que tange à cultural popular, como é o caso da Festa de Santo Antônio, em geral, constrói sinais de identificação de certos grupos. Nesse caso, em sua maioria católicos, que se autodenominam praticantes ou não, que presenciaram a festa pelos mais variados motivos. Pessoas de outras religiões, em sua maioria evangélica, também foram identificadas na

festa, acompanhando familiares e amigos, ou para participar de uma festa típica do período das chamadas Festas Juninas.

Deste modo, é possível perceber a gama de questões que estão em torno da cidade. A pesquisa realizada em jornais locais, em bibliografias de pesquisadores da cidade que atuam em diversas áreas e períodos da construção histórica local, é fundamental para que se possa compreender o contexto o qual está inserida e as questões que estão em torno de suas tradições. Sendo assim, espero despertar o interesse pela cidade, tornando este trabalho uma referência tanto na discussão dos conceitos que serão apresentados, quanto no processo da pesquisa e descoberta dos caminhos de Duque de Caxias.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIEHT, Raquel (Org.). Ensino de história, conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- \_\_\_\_\_. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.
- ABREU, Regina. Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus: notas sobre a etnografia dos percursos. 2009. Trabalho inédito.
- \_\_\_\_\_. Entre a nação e alma: quando os mortos são comemorados. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: . Acesso em: 09 jul. 2013.
- CAIAFA, Janice. Aventura das cidades: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- IBGE. Portal. [Rio de Janeiro], 2015. Disponível em: . Acesso em: 29 abr. 2015.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). Dossiê IPHAN: Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Brasília, DF: IPHAN, 2004.
- \_\_\_\_\_. Dossiê IPHAN: Festa do Divino Espírito Santo de Paraty/RJ. Brasília, DF: IPHAN, 2013a.
- \_\_\_\_\_. Dossiê IPHAN: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO. Brasília, DF: IPHAN, 2010a. \_\_\_\_\_. Dossiê IPHAN: Festa de Sant'Ana. Brasília, DF: IPHAN, 2010b.
- \_\_\_\_\_. Dossiê IPHAN: Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Brasília, DF: IPHAN, 2013b.
- \_\_\_\_\_. Registros de bens culturais de natureza imaterial. [Brasília, DF], [2015]. Disponível em: . Acesso em: 29 abr. 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARK, Robert Ezra. *A cidade: sugestão para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. American Journal of Sociology, XX (março, 19), pp. 577-612.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.